



PRO-VIMARANE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Director e Editor: DR. JOÃO D'OLIVEIRA BASTOS

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE,"

Redacção e Administração: R. Republica. 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSITANA, R. GRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

NOS tempos que decorrem, chega a ser qualquer coisa de infeliz a ideia de publicar jornais.

Porem o nosso não podia deixar de aparecer neste momento em que o Grupo PRO VIMARANE tem desenvolvido uma enorme actividade, que nem sempre é compreendida como deve.

A' volta do seu movimento tem medrado a intriga, e como somos homens duma só fé, não queremos situações confusas. Por isso aqui estamos, numa mão o chicote e noutra o ferro com que havemos de domar essas feras traiçoeiras que cobardemente procuram a occasião de nos atacar.

□ □ □

SOMOS, como todos os periodicos, obrigados por exigencia da lei a submeter a materia do nosso jornal á apreciação da comissão de censura.

Como não estamos aqui para derrubar governos nem para auxiliar qualquer facção partidaria, de supôr é que não tenhamos grandes contrariedades.

A nossa orientação é só uma: o elogio a quem se tornar credor dele, e o castigo inexorável daqueles que o merecerem.

□ □ □

LOBOS famintos, comei!

Agora que ides receber o prémio da vossa traição, o dinheiro de Judas, saciai a vossa voracidade de felinos

E quando avaramente o fizerdes cantar como o Gaspar da opereta, ouvireis em lugar do seu timbre sonoro, os gemidos e os lamentos dos pobresinhos a quem o extorquisteis. Ficará eternamente a ferir-vos os tímpanos o som lamentoso dos doentes, dos velhinhos e das creancinhas.

Será o vosso remorso, Escariotes repelentes!

□ □ □

APESAR de ao assunto se terem referido já por vezes os periódicos locais e os correspondentes dos diários, a limpeza das ruas continua a ser feita a toda a hora do dia, o que nos parece anti-higiênico. Pedimos, pois a quem superintende na limpeza da cidade que atenda á saúde pública, ordenando que as ruas sejam varridas de noite, como se fazia anteriormente.

□ □ □

OSR. Dr. Luís de Pina—um moço cheio de real valor—acedeu ás instâncias do Grupo PRO VIMARANE, prontificando-se gentilmente a fazer o desenho do cabeçalho do nosso jornal.

Conseguiu, como de resto já esperavamos do seu talento, realisar um trabalho muito interessante, pleno de probidade artistica. Os nossos leitores saberão, por certo, apreciá-lo como merece.

Ao Sr. Dr. Luís de Pina os nossos agradecimentos,

□ □ □

ASSIGNAR o PRO VIMARANE e conseguir-lhe assignaturas é dever de todo o bom vimaranense.

PORQUE VOLTAMOS...

Desnecessário seria dizer das nossas intenções pois são elas já bem conhecidas dos vimaranenses e foram já por nós provadas na primeira fase deste jornal.

Mas é sempre norma, praxe protocolar, dizer duas palavras de apresentação e eis a razão porque não queremos faltar a esse protocolo.

Porque voltamos? Porque assim é necessário. Precisamos de defender a nossa Terra e, para isso, de novo nos unimos nesta trincheira, de novo nos irmanamos no cumprimento deste honroso dever.

Não somos politicos. E' necessário frisa-lo para que se não desvirtuem as nossas intenções e os nossos propósitos. Que o saibam todos aquêles que enfaixados num estreito partidarismo, nada mais veem além do acanhado horisonte da sua chafarica politqueira. Se a restauração da nossa Patria tem de sêr obra de todos os portugueses de boa vontade, tambem a obra de engrandecimento de uma Terra tem de resultar do esforço de todos os seus habitantes, de todos os homens bons.

Chamando-os, reunindo-os no nosso Grupo, temos em mira salvaguardar os interesses deste rincão do Minho, donde nasceu Portugal e que é hoje, embora o finjam ignorar, um dos que mais contribue para as receitas do Estado.

O PRO VIMARANE é o porta voz dêsse Grupo. Está, pois, feita a apresentação. Que todos nos compreendam e nos auxiliem. E agora — é rapazes! — ávante

Por Guimarães!

MEU PORTUGAL

AOS AMIGOS DO "PRO VIMARANE"

*Ser berço de Camões, ter dado ao mundo gloria,
Ser exemplo de amor, dedicação e vida...
E tanta vez manchar, em luta fratricida,
Um passado de heróis de perenal memoria...*

*Arranca, ó lusa gente, á tua antiga historia,
As páginas de luto e de tristeza ida.
Acorda. E' tempo. Surge. O' minha Patria querida,
Para que vegetar numa apatia inglória...*

*O' Portugal doutrota, ó mar das caravelas.
Não possuir eu estro ou primosas telas.
Não poder eu cantar teus rasgos de civismo...*

*Teu fado quero ver feliz, mas, ai não vejo.
E neste ardor voraz, neste febril desejo,
Minha alma espera e chora e pensa num abismo...*

MENDES SIMÕES.

CRITICOS!...

Quem os não conhe? Se eles andam por aí aos cardumes!

E' percorrer esses cafés, e lá os encontrareis a barafustar por ninguem se levantar a defender os interesses desta terra, ou abespinhados censurarem quem teve a ideia de se pôr á frente de qualquer movimento.

São sempre os mesmos criticos!...

□ □ □

O nosso colega «A Razão» numa referencia ao trabalho por este grupo desenvolvido na já celebre questão do regimento, permite-se fazer umas referencias que não devemos deixar passar em julgado

A resposta que lhe daremos é que está insufisimavelmente averiguado que a 1.ª Comissão que foi a Lisboa não teve a orienta-la quem quizesse ou soubesse tratar do assunto, de contrario ter-se-hia conseguido o que se pretende. Admiramos porem, que sendo o sr. director da «Razão» membro do Grupo PRO VIMARANE, se tenha alheado do nosso movimento, para agora a seu bel-prazer criticar os actos do mesmo grupo.

□ □ □

O nosso Grupo fez distribuir no dia 23 do mês findo vários cartazes anunciando a publicação do presente numero, por diferentes casas comerciais afim de serem afixados nas montras ou em quaisquer outros logares próprios. Todas as pessoas atenderam gentilmente o pedido, hovendo apenas uma excepção, o que revela pouca educação e curteza de intelligência da parte de quem desatendeu o pedido. Não nos parece o facto próprio de quem se julga comerciante.

Não nos irritou a má-criação. Apenas registamos o facto.

□ □ □

SEGUNDO nos informam já devia ter sido entregue á nossa Camara, a marquise que ha-de (?) ser colocada no Toural.

Dizem-nos porem, que essa colocação se não fará.

Será verdade?

Fmndir-se-hia aquele dinheiro naquella fundição, para afinal ficar tudo fundido?

Sabe-se lá...

□ □ □

CHEGA ao nosso conhecimento que se projectam grandes obras para maior embelesamento da cidade.

Não se realisarão tais obras sem o nosso apauzo e incitamento.

Obras, obras e não palavriado é do que nós precisamos.

Iremos informar-nos e faremos o comentario que fôr justo.

□ □ □

A todas as pessoas a quem enviamos o nosso jornal e não o queiram assignar, pedimos a sua devolução imediata, para não prejudicar o nosso serviço de administração.

Cães

Uma nova especie
Como eles rosnam

Julgo que todos os nossos leitores conhecem esta raça de animais, e tem ouvido o seu rosnar.

Eu, de várias raças que conheço destes bichanos, tenho notado que os ha valentes, medrosos, cobardes e de maus instinctos.

Os primeiros defendem-se com galhardia quando os atacam; os segundos, aceitam as lutas e estes em geral são os meigos; os terceiros e os ultimos torna-se necessario o maximo cuidado com eles, pois que uns cravam os dentes por traz da cortina, e outros fazem-no até ao seu próprio dono.

Mas as qualidades boas ou más destes rafeiros são sobejamente conhecidas, e não sou certamente eu, que me proponha falar delas.

Quiz, porem, o acaso, que fosse eu o descobridor de uma nova especie de cães, perigosos como nenhuns outros, pois possuem o dom de se mascararem de gente, e tão bem o fazem, e tão perfeito, que nós apenas os notamos pelo seu rosnar.

Dotados de uma intelligência algo superior á dos seus semelhantes, manhosos e cobardes como a raposa, estes rafeiros conseguem penetrar no *Oriental* e fazer-se servir de café por homens autenticos como são o Casiro e o Guédes.

A razão deste atrevimento é que eles usam botas e chapéu, vestem calças e casaco, e possivelmente .. cuecas; coleira vi bem que uzam, disfarçada em colarinho.

Pois notei-os a saborear um café, (como eu o estava fazendo na ocasião) rosnando contra um grupo de vimaranenses que se propõem defender os interesses desta cidade.

Não teria feito esta importante descoberta se eles pressentissem que estavam a ser notados, pois estes rafeiros não pertencem á categoria dos valentes, porque não rosnam de focinho erguido e cauda levantada.

Portanto, mais perigosos se tornam ainda, e é com a melhor das intensões que aconselhamos os nossos leitores a que não apertem a mão a homens que não conhecem, muito embora lhes pareçam leais, sinceros e delicados, porque póde succeder que não sejam mais do que cães mascarados.

Tôda a gente está portanto a vêr o perigo iminente em que está a humanidade; cães disfarçados em homens!

Senhor Presidente da Camara: eu não sei se é a V. Ex.^a, se a algum membro dessa comissão a quem tenho de pedir providências: eu grito a quem de direito, que urge dar caça imediata a tais rafeiros; um momento só de desleixo e nós os veremos se o não estão já, desempenhando cargos que só a homens pertencem; a bola, a bola que é o processo mais eficaz de os aniquilar; e veria V. Ex.^a pela primeira vez, a Sociedade Protectora dos Animais a louvar-lhe a acção.

JOM.

Boémia Jornalística

A juventude não se contentando em singrar no azul a fazer versos, vai muitas vezes á loucura de descer aos arrais da imprensa para fazer jornal.

Com a diferença: que se os versos são quasi sempre melancolicos e por isso mesmo inofensivos, o seu jornal é quasi sempre clarim de batalha e por isso mesmo rebelde.

E' que digo-o de experiencia: um jornal feito por uma mocidade de *saude moral*, não conhece não respeita os postigos ademanes da *Dona Convenção*, afastando de escantilhão os conselhos dos videirinhos.

Um jornal de gente moça faz-se para gritar alto toda a verdade, em frase nua e crua, doa a quem doer! O seu figurino jornalístico jámais cheira a frase feita, pela razão que detesta os moldes intrusos, a adjectivação parrana dos caixotins, tresandando a rabona e chapéu alto... amachucado. Basta dizer que a sua tinta é sangue e é nervos; é tempestade e é fogo, é emoção e é revolta.

Como leão sacudindo sua juba, a verdadeira prosa jornalística dos novos prefere aos unguentos, o bisturi; á lamuria, o ralho; á *pomada amor* a sua febre, a sua audacia, o seu atrevimento.

Que lhe importam os arrufos, as ameaças, as censuras? Se é escandalo dizer toda a verdade, os novos preferem fazer escandalo a calar um millesimo de verdade!

Por isso a sua feição predilecta é deslumbrar; desnalgar; descamisar. A velha terapeutica de sangria conta no jornal de *autenticos moços* destros operadores.

Por impiedade? Oh! por impiedade não destroi um mosquito. Se, em regra, as suas secções na factura do jornal se chamam «Pontas de fogo», «Si-

nipismos» ou «Feros curtos» é por concordancia com a sua prosa—que é ardente; impetuosa; estuante de seiva. Mas no fundo, a sua obra que é de ressurreição e resgate, é sempre generosa e magnanima—como as obras de misericordia.

Sim, castigar implacavelmente os que erram, é contribuir para a morigeração dos costumes, fazendo o mais necessario e oportuno apostolado social.

Deixem, pois, que uma vez por outra o jornal dos novos seja—espadachim ingenuo; que uma vez por outra cometa o seu pecadilho de excesso; que seja, por frescura dos anos, leviano, uma vez por outra. O que não se lhe deve pe,doar é que não seja idealista, aguerrido, persistente—que não traga saude na alma.

Quanto a mim só me faz lastima e tédio ver um jornal de novos metido num espartilho de falsos respeitos sociais, comprometendo e ofendendo as galhardas expansões da juventude.

Seja, pois, o jornal que surge antes clava de Hercules que manta de pedintes.

Fartos de espinhas gelatinosas, de salamaleques, de panos quentes, está a sociedade vimaranense. E' por virtude dos seus postigos e das suas ficções; das suas mentiras politicas e da sua cobardia colectiva, que nós nos oferecemos a impressão de gente *falhada*.

Na realidade nós tocamos a rachado. A nossa voz é sem timbre; o nosso grito é sem eco. Cheiramos a cadaver!

Ora para que se espantem os mochos e os morcegos e não nos reduzam ao trato da vassoura lixo e mais lixo! surja em boa hora o jornal dos novos, para o «leva arriba» da nossa terra.

A. L. DE CARVALHO.

Pios

A minha
apresentação

Sem pretendermos endireitar o mundo mas com a satisfação de que alguma coisa faremos de proveitoso para a moralisação de costumes, factos de capital importancia para o bom nome duma terra, procuremos, neste cantinho e desde que para tal haja motivo, combater a prática de tudo aquilo que ao nosso modo de ver pareça injusto e mau, mas sempre com aquela independencia de opinião e lealdade que são apanágio das pessoas de consciencia sã. Não nos movendo, por conseguinte, ódios pessoais ou o propósito de achincalhar quem quer que seja sem razão, ninguém nos poderá levar a mal que, usando de processos honestos e sem dar ouvidos a qualquer informe de fonte suspeita, comentemos favorável ou desfavoravelmente este ou aquele acto que se nos afigure digno de nota.

Claro está que, assim como somos implacáveis para quem só censuras merecer, não relegateamos tambem os nossos aplausos—e oxalá só disso viéssemos a tratar—a todos aqueles que, por qualquer forma, demonstrem trabalhar pelo progresso da nossa terra que, agora mais do que nunca, necessita da aliança de todos os bons vimaranenses, num perfeito entendimento de vontades.

Enfim, combater o mal e glorificar o bem, sem paixões mas tambem sem excepções, eis o que nos propomos fazer.

E por hoje... temos piado.

CORUJA.

O jornal é o melhor elemento de propaganda.

A propaganda é indispensavel a uma terra que quer viver.

Eis a razão de ser do PRO VIMARANE.

S. V.

A nossa acção

Queríamos dar neste número uma noticia da acção que o Grupo PRO VIMARANE tem desenvolvido, nos últimos tempos, no assunto que diz respeito á saída do Regimento de Infantaria n.º 20, porém essa noticia seria extemporanea porque já todos os jornais a deram no seu devido tempo.

Não devemos todavia, deixar de lhe fazer uma referênciã embora ligeira, e afirmamos mais uma vez que o nosso movimento ainda não terminou, e não terminará enquanto não virmos satisfeitas as nossas reclamações que são as reclamações do povo dum concelho inteiro.

Já foi dito, já esta redito quais os direitos, as razões que nos assistem.

Não gastaremos portanto mais frases ou palavras, mais ou menos violentas. Continuaremos a trabalhar até que consigamos os nossos fins sem nos entimidarmos com os meios.

O caminho está traçado e o que se torna indispensavel é que tôda a gente colabore na nossa obra, que é a obra das aspirações de todos os vimaranenses.

Todos juntos formaremos um bloco indestrutivel, capaz de fazer valer a sua vontade.

O que pagamos

Para os estadistas que actualmente dirigem, para felicidade nossa, a barcaça avariada do Estado, Guimarães não representa absolutamente nada.

O que tem sucedido nos últimos tempos, prova-o exuberantemente.

E no entanto — lêmo-lo ha dias — Guimarães, senhor general, o concelho de Guimarães pagou de imposto sobre transacções mais de 1000 contos durante o ano economico de 1924 a 1925, ou seja quasi tanto como todos os outros concelhos distritais, incluindo o de Braga.

Mais: districtos inteiros houve — districtos notem bem — que não pagaram tanto como o concelho, o desprezado e esquecido concelho de Guimarães pagou.

E' justo, é razoavel que se responda com duas pedras na mão a quem assim contribue para o erario do Estado? E' justo, é razoavel que o Estado só nos conheça, só se aperceba de nós para o pagamento de contribuições?

Guimarães, senhor general, é alguma coisa, representa alguma coisa adentro da vida da nação, não só pelo seu passado histórico, mas inda pelo seu labor industrial e comercial. Guimarães é uma cidade, uma das primeiras cidades do paiz, e porisso tem o direito de falar alto sem humilhações que rebaixam, tem o direito de ser ouvido e atendido nos seus protestos justos. Ou não?

Torna-se necessário trazer o senhor General a Guimarães, para que Sua Ex.^a se convença de que não somos umas qualquer aldeola de Paio Pires ou de Freixo de Espada ao Lado, perdida em plena serra, no estado primitivo, ainda de parra, como nos tempos bíblicos.

O Grupo Pró Vimarane é a sentinela vigilante, e o jornal, o clarim que aquele faz soar nas horas do perigo.

«A Velha Guarda»

«A Velha Guarda», á falta de outro assunto, entregou-se ao luxo de se meter conosco no seu último número.

Lemos aquilo tarde, muito tarde mesmo, depois do nosso jornal feito, por isso não lhe podemos responder como queremos neste número, mas não perde pela demora.

Nós e a politica

Reaparece o nosso jornal no momento mais oportuno em que o podia fazer.

Os interesses da nossa cidade e concelho, poucas vezes terão estado tão ameaçados como nos tempos que vão correndo.

A deslocação do Regimento de Infantaria n.º 20, originada pela ultima reorganização do exercito, veio perturbar muitos lares, afectar grandemente os interesses concelhios e ferir-nos no nosso orguiho de terra que vale e marca alguma coisa no nosso paiz.

Tenha-se em vista o que Guimarães paga ao Estado, o numero elevado de habitantes, a sua grande area, os seus importantes centros fabris, as suas esplendidas estancias de repouso, cura e turismo, etc. etc., e digam-nos senhores da governança, se nós vimaranenses, com muito orguiho, deveríamos permanecer inertes ante o esbulho inqualificavel que nos era feito.

Não, não e não.

O Grupo PRO VIMARANE desperto dum sono e um abandono a que foi lançado, não podia deixar de erguer bem alto o seu pendão — PRO VIMARANE — e gritar alevantadamente os seus direitos, a sua justiça e a sua razão.

E' esse o seu papel. E, desempenhando esse papel aqui está, pronto a enfrentar aqueles que procurem deturpar as suas intenções.

O Grupo PRO VIMARANE, isento de qualquer finalidade politica, tem apenas esta: O bem, o progresso de Guimarães.

Pode porventura evitar que as suas acções agradem a determinados politicos? Que culpa terá em que, a este ou aquele agrupamento, aproveite as atitudes que tenha de tomar, se essa atitude está dentro do seu programa?

Não p. de. Culpa alguma tem.

O passo deste periódico é garanto de verdade das verdades que aqui afirmamos. Ninguém consegue encerrar o nosso caminho.

Não somos aqui para servir esta ou aquela clientela politica, fiquem sabendo todos os deturpadores de officio, o que queremos, o que pretendemos é defender a nossa terra dos ataques que lhe são dirigidos, consciente ou inconscientemente, por quem procura amesquinha-la ou offende-la nos seus brios ou seus interesses.

SERGIO VIDAL.

UMA FESTA

Na passada sexta feira reuniram-se na Associação dos Empregados do Comércio, vários orfeonistas e amigos do Ex.^{mo} Sr. Tenente Artur Ribeiro Dantas, chefe da Banda do Regimento de Infantaria n.º 20 que em virtude da última reorganização do exercito foi para Tavira.

Foi uma tocante festa, que sensibilizou quantos a ela assistiram pelo cunho de sinceridade que revestiu.

Falou em primeiro lugar o nosso illustre director e presidente da Direcção do Orfeão, que fez o elogio do homenageado, tendo para êle palavra de carinho e saudade.

Falaram ainda os srs. Torcato Mendes Simões, cujo interessante discurso abaixo publicamos, Antonio d'Almeida, dr. José Pinto Rodrigues e Antonio Ribeiro de Castro, que foram muito applaudidos.

Por fim o Ex.^{mo} Sr. Tenente Artur Ribeiro Dantas, agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas.

O homenageado partiu no dia 30 do mez passado para Tavira, tendo na estação uma afectuosa despedida.

Que tenha uma feliz viagem são os nossos mais ardentes votos.

A seguir publica-se o discurso do nosso illustre colaborador Mendes Simões:

E' sublime e alevantada a finalidade dos orfeões, reunir e congraçar num mesmo anelo de aspiração suprema pela Arte, os vários componentes da sociedade, irmanando-os num mesmo sentimento

de amizade, tendente a apurar o gosto e o amor pelo Belo.

Foram êstes intuitos e êstes sentimentos que fizeram surgir o nosso querido Orfeão e que, por vezes, o levaram triunfalmente ao apogeu da Glória. Foi esta aspiração máxima, êste desejo ardente, êste amor pela Arte que cream o nosso Grupo Coral, com um núcleo de amigos dedicados, reunindo-os, por vezes também, em agradabilíssimas romagens de confraternização, que eram ao mesmo tempo verdadeiras jornadas artisticas.

Mas... lá diz Malherbe, a rosa do jardim nasce com a aurora e fenece ao crepúsculo da mesma aurora, porque o fero Aquilão a acossa constantemente, assim quiz o impiedoso Destino que o nosso querido Grupo Coral tenha atravessado vicissitudes várias, por vezes crudelíssimas, sempre bati-do pelos ventos em tempestade, debaixo da rafala constante do Aquilão, resistindo, é certo, arribando a porto de salvamento e quasi sempre conquistando para a sua coroa de louros, mais um diadema de glória.

Reunia-nos, então, caros orfeonistas, a alegria, debaixo do afaço acarinhante do triunfo da Arte.

Hoje, aqui neste recinto, reunem-nos a tristeza, a mais profunda tristeza, filha do mais irremediável mal... E' que, caros colegas, perdemos o chefe querido do Orfeão, o maestro competentíssimo, o nosso companheiro de glória, o amigo dedicado, o Regente Ribeiro Dantas!... Vá, querido Regente e amigo dedicado, certo de

Novo concelho

Ha dias que se diz por aí á bôca pequena que em Vizela se trabalha para que seja creado o seu concelho.

Dizia-se e insistia-se, e ao mesmo tempo ninguem se mexia, dando a entender que apenas de boatos se tratava.

Mas, o «Comercio do Porto» do dia 26 do mez passado vem-nos tirar qualquer duvida. Soubemos por êle que a Comissão Administrativa da Camara de Felgueiras, reclamava contra um possivel esbulho das suas freguesias.

Ê, assistimos a esta coisa edificante. Em Guimarães nenhuma entidade official ou particular até agora deu o mais insignificante passo pela integridade do nosso concelho. Tudo continua dormindo o sono reparador das labutas da *União do Porto*.

Que faz a nossa Edilidade? Que faz a Associação Commercial?

Dormem. Dormem o sono do indiferentismo, do nenhum interesse aquilo que tem obrigação restricta de defender.

Pois é preciso despertar excelentissimos senhores. E' absolutamente indispensavel acordar para a luta que será preciso travar dentro em breve. Que não seja preciso sacudir vos para vos despertar.

Aí fica o nosso primeiro grito de alarme, e prometemos não largar este assumpto, de capital interesse para o nosso concelho.

Depois disto composto, somos informados que a Direcção da Associação Commercial já foi a Braga tratar este assumpto junto do sr. Governador Civil do Districto.

Mais soubemos que fez convite á Comissão Administrativa da Camara para a acompanhar naquela *demarche*, convite que foi aceite e que mais tarde não foi satisfeito porque á reunião de quarta feira não compareceu numero suficiente para resolver tão importante assumpto.

Pasmai oh! gentes!!!

que todos choramos a sua partida, e desejamos o seu próximo regresso, porque, além do amigo, perdemos o regente competentíssimo do Orfeão.

E, se é certo que o Orfeão fica mudo, e, cantando, só poderá fazê-lo com lágrimas na voz, não desanimeis, colegas amigos, pois espero não estar longe o dia em que, de novo, o tenhamos no seio do nosso querido grupo. E êste o meu e o vosso desejo.

PAGINA LITERARIA

Frivolidades

Um thema suggestivo

«Todas as mulheres sabem descer... E as menos inteligentes são as que descem mais depressa» disse-o João Ameal.

Não emito opinião.

Não sei se era inteligente aquela preciosa escultura que vinha descendo a ampla escadaria que ainda hoje a minha imaginação recorda. Sei só que essa mulher, duma nobreza patricia, descia depressa, e que tinha umas pernas que encerravam qualquer coisa de divino e de sublime. Tudo o mais é vão.

Se ha coisa, de facto, que neste mundo faça andar á roda a cabeça de todo o portuguezinho vale-te que se preza — e eu peço para me incluírem na sua varguarda — são umas pernas bem feitas á véla.

nosso fraco, neste ponto, é proverbial.

Ha, porém, quem discorde. Ha, por exemplo, quem não conheça nada de mais delizioso do que ver uma mulher... do outro lado, ás avessas. Discordo por minha parte, discordando, com o nome a co-vação de que tenho a meu lado a maioria dos meus irmãos de raça, idólatras intrinsigentes das pernas do meu paiz, das pernas femininas, é claro.

Diz se que a melhor coisa do mundo, apesar da sua impárra- rabilidade absoluta, é a mulher (isto ainda que pese á minha vis- sã do lado que afirma tenaz- mente a sua discrepância quando pro- lamo o homem como a maior preciosidade que Deus lançou ao mundo). Não nego. Mas o que afirmo, com uma pertinácia que roça pela teimosia, é que, para mim, o que de melhor existe na mulher, são as suas pernas, quando não constituídas de ossos sómente.

Embora Luiz de Cliveira Gut- marães dissesse que as pernas da mulher são a sua alma, e que são elas que a levam ao ceu, eu não ignoro, por experiência pro- pria, que elas são a nossa perdi- ção, o nosso pezado, o nosso in- ferno. Não aquele inferno ás por- tas do qual Dante pretendia co- lar o aviso cruel que anunciava a vanidade de toda a esperança, mas um inferno mais humano, em que toda esperança é licita, e em que licita ou illicitamente muitas vezes alguma coisa se alcança.

De resto, um palmo, um só palmo duma perna escultural, de maravilha, revolucionaria e deter- mina mais a razão humana, do que mil seculos de doutrina- rismo filosófico ou de apostola do político.

Se a arte é, como a considerou Platão, um lampejo de Ideal, uma reminiscencia da Bel-za Sú- prema, aquela mulher era na rea- lidade, uma esplendida obra de arte.

Praxiteles, Lyfipo, Donatelo, Vinci, Miguel Angelo, e o pro- prio Rafael Sanzio, esse grande genio da Renascença, inimitavel

AD-HOC

Que mania essa tão sensaboro- na de jogares á sardinha com a língua...

□ □ □

Eu rezo por devoção quási por vicio. Sempre gostei de falar mui- to sem dizer nada.

□ □ □

Mez de Julho—nas últimas pé- talas...

Mar alto no céu... A Hora é uma vaga de luz, uma onda es- pumejante, musical... Ao fundo da rua quieta, com ramos de ár- vores a beixigarem de sombra a neve dos *trattoirs*, m sim me, es- condo-me, impaciente-me, na â- ncia de recortar, lá ao cimo da cal- çada, o desejado perfil de Levia- na esquiva...

ANTONIO FERRO.

□ □ □

«O povo portuguez também te- ve uma poesia própia, nacional, filha do génio, da raça, que per- tencia, cantando ás paxós e as fazes da vida, acompanhando as suas transformações, contando a sua história mais ou menos origi- nal... não existe um povo sem poesia, porque é impossível a exis- tência sem receber impressões, sem a comunicação delas, sem a língua, sem a tradição, sem o cos- tume, sem a theogonia, sem o symbolo».

TEOFILO BRAGA.

□ □ □

A mulher, se fala pouco, é um milagre de Deus.

LEMOIN.

pi-ntor de Madonas, não ambicio- nariam para as suas creações imortais outro modelo, d'um tão nobre perfil, e cuja harmonia de linhas tão perfeita, tão rítmica, resguardada com usura por umas luxuosas meias de seda, encerra- vam um mundo de promessas, e uos falavam dum prometido pa- ral o—perdido para mim como o de Milton—mas a que outros, mais felizes, por certo ascende- riam.

No entanto, corações ao alto! Não obstante ás pernas das mu- lheres acontecer o mesmo que ás proprias mulheres—mal as pos- suimos vamo-nos afastando des- tas e afastando as outras—o certo é que nas pernas femininas está, eu creio o firmemente, não só a salvação da Pátria, como a nossa.

Não nos iludamos: um paiz que tem tão boas pernas, não po- de morrer, é eterno.

E como Afonso de Bragança eu acrescento ainda: um paiz que possui tais pernas tem de ir parar longe forçosamente.

1926.

RUY DE LANCASTRE.

□ □ □

Morrer, será talvez simplesmen- te descansar de ter vivido.

MADAME ALPHONSE DAUDET.

□ □ □

Quem procede bem, na mira de louvores, assemelha-se ao usu- rário que empresta a juros.

VERIDIANO CARVALHO.

□ □ □

A flôr é, depois da mulher, a mais bela criatura do nosso pla- neta.

MANTEGAZZA.

□ □ □

Onde o pé não chega, chega o olhar; onde o olhar pára o espíri- to continúa.

VICTOR HUGO.

□ □ □

Redução do Universo a uma só creatura, dilatação de uma só creatura até Deus, eis definido o amor.

VICTOR HUGO.

□ □ □

Ha pensamentos que valem por orações e momentos em que, qual- quer que seja a atitude do corpo a alma está de joelhos.

VICTOR HUGO.

□ □ □

O coração tem razões que a razão desconhece.

CAMILO.

Miniaturas

Pobres Mortos!

E' pelo culto dos mortos que melhor se conhece o grau de civi- lização d'um povo.

(Palavras lidas algures).

Ha mortos que se hoje ressuci- tassem, e vissem o cruel desprezo a que os lançaram, não teriam por certo a máima saudade pela vida. Há tumulos esquecidos, a que não vai ninguém. Dir se ia que os que lá jazem, não tiveram família, não tiveram amizades, não tiveram ninguém conhecido no mundo.

A' frieza da terra em que des- cançam para sempre, ninguém vai levar um punhado de rosas, uma oração, uma lagrima... so- mente a noite vai deixar lá as pe- rrolas do seu orvalho, e a ventania, pelas horas mortas, parece chora-los na sua solidão.

Porque vos abandonaram?

RUY DE LANCASTRE.

Nuvens de Bruma...

Cartas

Querida amiga:

Nas horas monotonas em que a dor avança, e a vida é um mar largo de tristezas, mergulho o meu pensamento no passado e lembro com amarga saudade aquele amor que em tardes suave de Maio me proporcionou horas e horas de prazer, mirando-me nos seus olhos que julguei serem os guias da minha felicidade.

Lembro com saudade os pas- seios que juntos demos ao longo dos campos em flor, trocando meigas palavras, e cortando ramos de madre-silva com que Vo- cê adornava o peito e se delicia- va em extase, aspirando o seu per- fume enquanto o Sol morria na melodia da tarde, cobrindo os montes de poalha doirada e a brisa embalava mansamente os seus cabelos ondeados.

Em volta de nós tudo era poe- sia e amor.

As mansas e meigas avezinhas cantavam docemente junto dos seus ninhos, era o cântico da noi- te, que já vinha cobrindo com o seu manto a aldeia plácida onde Você habitava, e por entre as ne- gras telhas das humildes casas dos camponeses, principiava a sair um fumo esbranquiçado que se elevava no espaço.

Na branca ermida, os velhos sinos batiam as Ave-Marias, repe- cando festivamente nesse mez con- sagrado á Virgem.

A natureza parecia querer ador- mecer, ouvindo-se sómente o mur- múrio da água daquele riacho, que tantas horas passamos a vê-la correr mansamente, dando nos a impressão duma preguiçosa ser- pente.

Aproximava-se a hora da mi- nha partida. Tinha que deixá-la até ao dia seguinte.

Triste, percorria o caminho que separava a minha casa da sua, e chegado a ela, entrava no meu quarto, abria a janela onde pas- sava tempo esquecido na contem- plação das estrelas, e recebia por vezes o perfume agradável das rosas que desabrochavam no jar- dim em frente.

Noites havia em que a Lua se mostrava á terra de quem é saté- lite, com a sua aureola de sorri- zos.

Que felizes nós fomos e quão invejado não foi o nosso amor!? Tudo morreu!... Resta agora apenas a lembrança dêsse tempo que jámais volta.

Santo Estevão de Briteiros
Outubro, de 1926.

JOÃO DE FARIA.

Convite

Convidam se todos os men- bros do Grupo PRÓ VIMA- RANE a comparecer peias 21 horas na séde da Associação dos caixeiros no próximo dia 3, para se tratar de assuntos referentes a este jornal.